

Apresentação: camadas da memória urbana e patrimonial

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio¹

Eduardo Roberto Jordão Knack²

Jefferson Evânio da Silva³

O dossiê **CIDADES E SUAS MÚLTIPHAS ABORDAGENS: MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E IMAGINÁRIO** procura abordar diferentes perspectivas teóricas e metodológicas para pesquisas que tomam as cidades como objeto de pesquisa. Diferentes áreas do conhecimento se apropriam da cidade como objeto de pesquisa, isso implica a necessidade de pensar nessa multiplicidade de abordagens, nas possibilidades temáticas para a pesquisa; nos possíveis encontros e desencontros teóricos e metodológicos nas ciências humanas e outras áreas de interesse; nas diferentes tendências de estudos dentro da história das cidades; nas especificidades de uma história da cidade como campo de pesquisa. Além desses temas, a memória e o patrimônio cultural no mundo urbano, as representações e imagens das cidades em diferentes suportes e mídias (audiovisual, cinema, história em quadrinhos, fotografia, jogos, literatura, entre outras), as utopias e distopias urbanas presentes tanto em documentos relativos ao planejamento urbano, quanto nos imaginários sociais constituem tópicos centrais para quem se debruça sobre as cidades e são contemplados no dossiê.

É a partir do século XIX que a cidade começa a exigir uma atenção específica do pensamento social. A sociologia passou a estudar o fenômeno urbano que passava a ser o cenário das decisões políticas e centro da atividade econômica. Max Weber se debruça sobre o papel da cidade enquanto instituição, como local da cultura interferindo nas interações sociais entre seus habitantes, por isso se interessa pela definição conceitual de cidade e nos tipos de relações sociais decorrentes dessas

¹ Doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo, Brasil (2021). Professor de História do Governo do Estado da Paraíba , Brasil .brunogaudencioescritor@gmail.com

² Professor do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). eduardo.roberto@professor.ufcg.edu.br

³ Professor do Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). jeffersonevaniosocio@gmail.com

formações. Outro intelectual que merece destaque para pensar a cidade nesse contexto é Georg Simmel, que observou fenômenos que se tornariam característicos das grandes metrópoles, como o efeito *blasé*, um embotamento dos sentidos frente aos estímulos constantes da urbe em expansão, a economia monetária e o papel do dinheiro nas relações pessoais e a emergência de novos tipos de socialização.

É possível perceber, portanto, que a cidade não apenas pode, como deve ser observado por diferentes olhares. Em cada edificação, em cada equipamento urbano, em cada rua, praça ou pedra, existem camadas memoriais que podem ser descobertas pelos pesquisadores. Andar por uma cidade como um flâneur descrito por Walter Benjamin, observando suas construções, seus fluxos (a mobilidade), lugares de memória e espaços de sociabilidade permite arranhar a superfície do urbano, circular pela primeira camada de história e memória da urbe e de seus habitantes. O pesquisador, seja um antropólogo, historiador, sociólogo, arquiteto, entre tantos outros profissionais que vem nas cidades manifestações de seus objetos de estudo, deve ir além dessa primeira camada. É preciso descascar a cidade. O pesquisador, munido de seus instrumentos analíticos deve penetrar até a raiz do urbano. Em cada dimensão dos variados recortes possíveis, a cidade se apresenta como um objeto a ser conhecido em profundidade.

Toda edificação reconhecida como patrimônio é a ponta de um iceberg. Dessa forma o patrimônio convida o pesquisador a ir além de sua superfície. Pesquisadores do patrimônio indagam sobre a patrimonialização em suas respectivas escalas (municipal, estadual ou nacional), no quadro de valores teóricos, éticos e estéticos que formam os profissionais que atuam nos processos de tombamento e reconhecimento patrimonial, na cultura histórica que estabelece parâmetros de percepção do passado, nos silenciamentos, os sujeitos que são omitidos nas representações patrimoniais, ou como conjuntos de bens patrimoniais acabam excluindo das memórias sociais determinados grupos e sujeitos. Esses são apenas alguns princípios, muito caros aos historiadores que tomam o patrimônio como objeto. Outros profissionais vão aprofundar outras dimensões do patrimônio. Um arquiteto buscará os estilos, a formação dos arquitetos e urbanistas, a materialidade da edificação, as alterações. Um antropólogo talvez volte o olhar para a relação da sociedade com esse patrimônio,

como ele está presente e ajuda a construir sentidos e significados sobre a vida hoje. Pesquisas sobre os diferentes recortes que uma cidade possibilita também são passíveis da mesma reflexão sobre a multiplicidade de temas e abordagens.

Tais recortes não são excludentes, mas pela própria rotina de uma pesquisa acadêmica os pesquisadores acabam concentrados apenas em seu recorte. Um dossiê temático é uma oportunidade para conectar trabalhos de diferentes áreas, voltados para temas e recortes múltiplos. Articulados por um tema central – a cidade, a memória e o patrimônio – os pesquisadores aqui reunidos se dedicaram ao movimento de descascar a cidade, de buscar a raiz de questões e problemas que não são evidentes apenas pela observação de um andarilho na urbe. Estudos sobre os imaginários urbanos são exemplares nesse sentido.

As “artérias da cidade”, o “polvo”, as várias “rainhas” e a multiplicidade de “capitais” em cada estado, entre tantas outras denominações, demonstram mais do que palavras ou slogans atribuídos por lideranças. Representam imaginários que solidificam ideais, que apresentam um norte de atuação para diferentes grupos políticos (que os perseguem tentando materializar tal imaginário, os combatem, procurando reverter desigualdades e consequências graves). O progresso como ideologia fomentou inúmeros imaginários em cidades grandes e pequenas por todo o Brasil e interferiram na condução política dos municípios, incidiram sobre planejamentos urbanos, não ficando restritos apenas ao campo simbólico. É perceptível como as reformas urbanas das capitais entre fins do século XIX e início do XX fomentou a busca por transformações urbanas em cidades de pequeno e médio porte.

O embelezamento de ruas e praças, calçamentos, iluminação pública, novas edificações, representavam a entrada das cidades na “modernidade”, uma ruptura com um passado colonial e imperial (que, obviamente, não foi rompido, permanece na raiz, nas camadas fundacionais das cidades brasileiras até hoje). Na esteira desse processo, a industrialização emerge como uma bandeira dessa modernidade. A busca por industriais passa a ser, ao longo de praticamente todo o século XX, o único caminho para o progresso, uma medida de crescimento econômico e urbano. Os problemas gerados por essas reformas, pela busca de um imaginário progressista e

industrializado, como exploração econômica de trabalhadores, processos de favelização, crescimento populacional desenfreado, crise ambiental, são legados que ainda não foram sanados. Cabe aos pesquisadores seguir adentrando camadas do urbano para revelar tais problemas.

Nesse sentido, o artigo **Spatial Organization of Caçador City, Santa Catarina State, Brazil: Transformations on the Urban Landscape (1917-1950)**, se debruça sobre a organização do município de Caçador, em Santa Catarina, analisando diferentes documentos, como imagens, mapas, relatórios, entre outros, dentro do recorte 1917-1934. O trabalho **Inventário Participativo de Bocaina: a cidade entre memórias e afetos** discute a participação social na preservação do patrimônio cultural, refletindo sobre os valores atribuídos ao patrimônio a partir da construção de um Inventário Participativo que levou em consideração alunos de 3º e 5º ano de uma escola municipal. São trabalhos que exploram a constituição urbana e da memória patrimonial de cidades distintas.

Em uma mesma lógica, focado na questão patrimonial temos o artigo **STELLA, AUGUSTA E SANTA EULÁLIA: as villas pelotenses e o seu potencial de difusão do patrimônio cultural urbano do século XX**, que enfoca de forma criativa as *Villas* Stella, Augusta e Santa Eulália, localizadas no município de Pelotas (Rio Grande do Sul), descrevendo suas características e evidenciando como cada uma expressa valores e particularidades de seu período de construção. Ainda no âmbito patrimonial temos a publicação **Producir, ver, esquecer: a formação do imaginário urbano de Ouro Preto no século XX**, que investiga a formação, circulação e estabilização do imaginário urbano de Ouro Preto entre 1938 e 1988, articulando políticas de preservação, práticas sociais e regimes de visibilidade. Ao integrar análises formais, visuais e sociais no âmbito do olhar estético, o artigo em questão acaba por demonstrar que o imaginário urbano de Ouro Preto resulta de tensões entre a cidade representada e a cidade vivida, revelando o patrimônio como campo de disputa e a paisagem como operação política contínua.

Curitiba fora do mapa: literatura e memória em Dalton Trevisan é um artigo que procura analisa as representações da cidade de Curitiba contida na literatura do contista Dalton Trevisan, relacionando a memória, o patrimônio simbólico

e imaginário urbano da capital paranaense. A abordagem privilegia a discussão sobre contos, minicontos e poemas que trazem a cidade como protagonista/antagonista, ressaltando as fronteiras entre a realidade e a invenção, oferecendo ao leitor uma cidade feita de perdas, lembranças e deslocamentos. **Memória e cidade em Vitor Ramil e Saúl Ibargoyen: entre Satolep e Ríomar** é um trabalho dedicado a análise de duas obras literárias que constroem representações de duas cidades, Pelotas, com *Satolep* de Vitor Ramil, e Montevidéu, com *Volver... volver*, de Saúl Ibargoyen, explora, portanto, a literatura e arte na produção de imaginários e imagens literárias das cidades.

O artigo **Imaginários urbanos, cidade e território: As representações sobre as ruas Voluntários da Pátria e Farrapos em Porto Alegre/RS (Brasil)**, nasce de um recorte do projeto “Porto Alegre Imaginada Digital”, que estuda a percepção dos moradores da cidade sobre aspectos culturais, econômicos, sociais e de infraestrutura. Analisa as representações dos cidadãos sobre duas vias públicas, Voluntários da Pátria e Farrapos, lugares significativos da cidade. Em sentido análogo, o texto **Ruínas e imaginários urbanos: Estação Ferroviária de Cachoeira Paulista (São Paulo, Brasil) e Fábrica de Farinhas de Peñaflor (Sevilha, Espanha)**, apresenta interessantes apontamentos acerca dos sentidos associados aos chamados “espaços pós-industriais vazios” e abandonados pelas instituições públicas e privadas, bem como busca refletir sobre instrumentos que poderiam tornar tais espaços visíveis para as comunidades envolvidas, promovendo sua proteção e gestão ativa e sustentável.

Cidades do interior: O Instituto Joaquim Nabuco e o discurso etnográfico sob o signo da suspeita (1964-1985), discute a configuração de certo momento do discurso etnográfico sobre cidades do interior pernambucano no contexto da Ditadura Militar brasileira. Analisa a importância do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais neste processo e a atuação da antropóloga francesa Colette Callier Boisvert, pesquisadora visitante no Instituto na década de 1960. O trabalho pretende demonstrar como a emergência de um discurso científico sobre as cidades no período se fez acompanhar por processos de tensionamento, negociação e legitimação envolvendo a instituição, a pesquisadora e os poderes locais estabelecidos.

O artigo **Disputa e poder simbólico: a materialização da religião na história urbana de Vitória da Conquista, BA**, apresenta uma análise iconográfica de seis monumentos religiosos do referido município construídos entre a década de 1920 até a década de 2000, investigando a aceitação e a mobilização desses monumentos em discursos religiosos sobre o desenvolvimento da cidade e a consolidação de sua memória patrimonial. **Do Descoberto a Porangatu: a construção da memória, a invenção da cidade e sua patrimonialização** analisa as narrativas que construíram a memória da cidade de Porangatu, desde seu surgimento como povoado aurífero (chamado de Descoberto), revelando um campo de disputas e tensões memoriais. São dois trabalhos que observam como o patrimônio, enquanto manifestação da memória, pode contribuir para conformação social, ajustando identidades locais, processo permeado por conflitos e disputas.

A cidade como território indígena: contribuições históricas e etnológicas para a compreensão da experiência Tabajara em Piripiri/PI, apresenta uma reflexão sobre os indígenas nas cidades brasileiras, empreendendo uma revisão historiográfica para dissertar sobre os estados de Ceará e Piauí, e focar na análise da cidade de Piripiri. É um trabalho que leva em conta a etnografia, voltado para analisar a experiência urbana de povos indígenas, especificamente os Tabajara. **A Colonialidade Patrimonial** segue esse caminho, buscando uma construção conceitual a partir de estudos decoloniais para pensar na memória a partir do olhar de sujeitos e grupos que não se enquadram na visão teórica europeia que marca os trabalhos acadêmicos e práticos sobre patrimônio, destacando o racismo e a colonialidade presente na construção da memória patrimonial brasileira.

Desejamos uma ótima leitura!